



OFÍCIO DE SELEIRO EM DORES DE CAMPOS

São João del-Rei

2013

Jane Mary Arruda de Freitas

PIIC

Orientação: Prof^a Ms. Luciana Beatriz Chagas

DAUAP

RESUMO

A categoria de trabalhadores denominada tropeiro foi uma das que mais contribuiu para o desenvolvimento socioeconômico da cidade, vendendo arreios e posteriormente selas para todo Brasil. Na época da colonização do Brasil, as tropas eram um meio de transporte para compra e venda de gado e derivados. Assim, os tropeiros fizeram várias rotas, abriram caminhos e estabeleceram pousos para descanso (TRINDADE, 2000). Por volta do ano de 1830, a cidade de Dores de Campos, segundo a história oral, não passava de um povoado composto por algumas casas, onde predominava a agricultura de produção alimentos necessária para a subsistência dos moradores. O povoado foi crescendo e a pequena população começou a ter necessidades que as atividades agrícolas não supriam. Dessa forma foi introduzida a atividade de *seleiro* no povoado, e com o tempo surgiu a necessidade de se comercializarem os produtos manufaturados pelos seleiros, sendo introduzida no povoado a categoria dos tropeiros. No século XXI, as pessoas estão voltadas para o consumismo, valorizando somente o que é ditado pela sociedade capitalista em que estão inseridas, constituindo dessa maneira uma geração que não tem sensibilidade de reconhecer a cultura local como expressão de um povo. A história oral é provida de uma dimensão individual, e o entrevistador precisa precaver-se de encaminhar a entrevista a fim de que o tema não se afaste da realidade, pois, muitas vezes o entrevistado faz uma elaboração subjetiva da realidade. O que na verdade acontece com certa frequência em trabalhos que se valem da oralidade. Dores de Campos possui um número significativo de selarias, muitas sem registro ou estrutura para o trabalho, são chamadas “selarias de fundo de quintal”. É nesse momento que acontece o ofício de seleiro, em que o filho fica brincando e o pai trabalhando, cria-se um vínculo e assim instintivamente, o mesmo já está inserido no ofício. Será feita uma pesquisa em que contemplará selarias com registro e CNPJ e até mesmo aquelas em que a produção é feita no quintal da casa e geralmente é uma produção limitada feita por uma pessoa, em que pode-se encontrar maior qualidade de acabamento de que nas indústrias. Serão feitas entrevistas, registros em vídeo e documentação fotográfica dos seleiros, das selarias, seus materiais, produtos e procedimentos técnicos na confecção das selas e outros artigos. Através de entrevista verificar como surgiu a técnica do rebaixe, que no município é conhecido “rebaixo”.

INTRODUÇÃO

Leciono no Centro Educacional Wanderley Arruda para o Ensino Fundamental II e Ensino Médio, Arte. Já fiz especialização de “Arte e Educação”, mas percebia que não era suficiente. Certa vez um aluno objetivando dificultar minha aula, perguntou qual era a minha formação para ministrar a disciplina. Eu disse que era graduada em Pedagogia e citei minha especialização; “Arte e Educação”, percebi certo desdém. Isso foi um incentivo para que eu buscasse uma formação especializada.

Ingressei no curso de Artes Aplicadas com Ênfase em cerâmica, na UFSJ, com o objetivo estritamente de ampliar meus conhecimentos sobre Arte em geral, pois isso traria mais segurança para trabalhar. No entanto no decorrer do curso me encantei pela cerâmica e já estou escrevendo o Trabalho de Conclusão de Curso.

Ao cursar Pedagogia no ano de 2002 na UFSJ, escrevi o TCC “O Tropeiro de Dores de Campos” e nesse momento escrevo o TCC para o curso de Artes Aplicadas, também na UFSJ, intitulado de “Ofício de seleiro em Dores de Campos” posso afirmar que é uma complementação do TCC anterior, pois recorri novamente à história oral.

A tradição oral pode ser considerada um elemento significativo para a pesquisa, uma vez que permite que fatos históricos venham a ser registrados. A linguagem oral possibilita a acumulação de conhecimentos, a transmissão de pensamentos, recordações, experiências entre pessoas e gerações. Em sua análise, Paul Thompsom afirma em relação à história oral:

Para desenredar o passado mais do que a sociologia é de oferecer respostas para todos os problemas sociais da atualidade. Claro que os melhores historiadores econômicos e demógrafos sempre reconheceram isso: como na escola dos *Annales*, na França, ou, na Grã-Bretanha, K. H. Connell que, em sua importante exposição sobre transformação demográfica da família irlandesa após a grande fome, utilizou a tradição oral recolhida pela Íris Folklore Commission como uma das fontes fundamentais de evidência. (1992, p. 101)

A história oral é provida de uma dimensão individual, e o entrevistador precisa precaver-se de encaminhar a entrevista a fim de que o tema não se afaste da realidade,

pois, muitas vezes o entrevistado faz uma elaboração subjetiva da realidade. O que na verdade acontece com certa frequência em trabalhos que se valem da oralidade,

visto que os fatos, acontecimentos e situações, são resultado de uma elaboração subjetiva em constante transformação, de acordo com a dimensão em que o acontecido operou ou atuou no imaginário. (MONTENEGRO, 1992, p.18)

MEMORIAL

Sou neta de um tropeiro, Nelson Sereno. Passei uma boa parte da minha infância acalentada pelas histórias vividas pelo meu avô nas suas jornadas de trabalho e também de minha avó, pois no período que meu avô estava viajando eu dormia na casa de minha avó a fim de lhe fazer companhia. Dessa forma fui adquirindo uma poética permeada de vivências e experiências de um mundo singelo, que só agora tomo consciência.



Nelson Sereno, meu avô (foto arquivo pessoal)

Antes de sair para a viagem, o tropeiro tinha uma preliminar bastante árdua. Para uma viagem ser bem sucedida, era necessário um lote de burros. O animal apropriado para viajar era o burro por ser resultante do cruzamento da égua com o jumento, que era mais resistente para carregar as mercadorias dos tropeiros. O lote de burros tem doze animais, sendo onze para carregar a mercadoria e pertences do tropeiro e um para “sela do mascate”, ou seja, para o dono da tropa seguir viagem. Dessa forma, os criadores de burros, vinham com frequência à cidade para abastecer as tropas incompletas. Havia um hábito curioso entre os tropeiros, faziam questão de formar uma

tropa homogênea, ou seja, os animais eram todos escolhidos pelo aspecto visual, todos da mesma cor. Às vezes dava muito trabalho. Disseram-me a história da tropa do Hildebrando Reis, irmão de meu avô. Seus animais eram pretos com as patas brancas e uma pinta branca na testa, formando a mais bonita tropa da região.



Tropa de Vazique Leôncio (foto cedida pela família)

Depois da tropa formada havia um outro procedimento a ser feito, amansar os burros, que eram entregues a um especialista, poderia ser o próprio tropeiro ou um dorense com habilidade para tal função. Depois de domados, os burros precisavam ser marcados, usavam para essa finalidade o marcador de burro (haste de ferro, tendo na ponta as letras iniciais do dono da tropa em ferro também) que era levado ao fogo até as letras iniciais ficarem vermelhas. Dessa forma, pegavam a haste e comprimiam contra a anca do animal, e assim ficava “tatuado” até que mudasse de dono. Isso feito, partiam para o processo de ferrar (colocar ferradura) o burro, amarravam o mesmo em uma estaca firme, pegavam a ferramenta denominada “zial” (peça de ferro de uns trinta centímetros aproximadamente, semelhante a um prendedor de roupa, com um gancho para regular a abertura na ponta), e prendiam no focinho do animal, que de tanta dor, perdia a força, alguns chegam a dizer que era para “anestesiá-lo” o animal. Continuava o processo de ferrar, se valiam de uma ferramenta denominada puxavante (ferramenta de ferro com aparência de uma enxada pequena, com uma haste de ferro e um semicírculo na ponta a fim de que o tropeiro pudesse firmá-la contra o próprio peito, pois esse

trabalho exigia muita força física) para aparar o casco do burro; após firmava a ferradura no casco, vinham com os cravos, que eram rebatidos em cima de uma bigorna (utensílio de ferro, onde se malham e amoldam metais), assim o animal estava pronto para seguir viagem. O tropeiro, ainda tinha outras providências a serem tomadas como, abastecer sua casa de lenha, pois na ocasião os fogões eram à lenha. Assim o tropeiro fazia várias viagens aos terrenos circunvizinhos e deixava lenha estocada para ser usada até o seu regresso. Depois saía pelos barracões da cidade a negociar as mercadorias para levar a fim de serem comercializadas na viagem.

Enquanto o tropeiro fazia os “preparativos” para viajar, sua esposa também ajudava, “cosendo” roupas para o marido levar, torrando muitos quilos de farinha e salgando toucinho. A família do tropeiro era numerosa apesar de ele estar sempre viajando, geralmente quando chegava, um filho novo o recebia e outro era gerado. Relatou a esposa de um tropeiro, que houve um filho nascido prematuro e faleceu em seguida, o marido estava viajando e só ficou sabendo quando retornou. O casal, passava por longos períodos de solidão, e esposa ficava com responsabilidade de dar uma boa formação aos filhos e de fazer alguma atividade extra para ajudar na renda familiar. Dona Luzia, por exemplo, bordava à máquina. Sua máquina não tinha recursos tecnológicos, porém fazia obras de arte com ela. Naquele tempo, as moças faziam enxoval para o casamento, para o bebê, todos bordados. Os vestidos das damas da alta sociedade dorense, também eram bordados. De maneira que Dona Luzia, minha avó, tinha sempre trabalho a fazer, apesar do retorno financeiro não ser satisfatório, sentia-se realizada em bordar. Sobre as esposas dos tropeiros, é interessante registrar a fidelidade ao marido durante os longos períodos de ausência, o que dava “alma nova” aos mesmos.

Depois de todo esse processo, contratavam o camarada (pessoa destinada a ajudar o tropeiro, ia a pé tocando a tropa), e combinavam o dia da saída para a viagem. Os animais eram arreados na seguinte ordem: colocavam a cangalha (arreamento com carcaça de madeira, forrado, destinado a sustentar a carga dos animais, distribuída igualmente dos dois lados) que era composta de talabardão (acolchoado de capim seco, destinado a proteger o lombo do animal), peitoral (sustenta a cangalha segurando para que não se desloque para trás, situa-se no peito do burro), retranca (sustenta a cangalha segurando para que não se desloque para frente, situa-se na região da anca do animal), a seguir coloca-se a cilha (correia larga que passa sobre a sela para prendê-la

ao lombo do animal). Assim o animal está pronto para receber o par de balaios que irá carregar durante longa data, o balaio também conhecido como jacá, comportava uma carga de cinquenta a sessenta quilos em cada um, portanto o animal suportava a carga máxima de cento e vinte quilos. Porém houve relatos de tropeiros que não tinham contemplação com os animais e chegavam a colocar nos, mesmos carga equivalente a cento e oitenta quilos. Entre os balaios, eram colocados os dobros (rédeas, cabrestos) para dar maior firmeza aos mesmos, a seguir jogava-se por cima o couro, a fim de proteger a carga da chuva, e para prendê-lo também, passavam a sobrecarga (corda com um gancho em uma ponta e na outra uma argola) envolta dos balaios e da barriga do animal, depois vinham com o arrocho (pedaço de pau que servia para apertar a sobrecarga a fim de firmar o couro). Na ponta de cada arrocho, ficava uma tira de tecido vermelho para sinalizar a tropa. O burro que ia à frente levava um peitoral com vários cincerros (campainha grande) para que a tropa fosse “anunciada”, onde quer que estivessem passando, e o último burro era o animal mais bravo (burro de coice) para proteger contra possíveis invasões às tropas. Todos os animais eram submetidos a usarem sopradeira (peça feita em tiras de couro, que era colocada no focinho do animal para impedi-lo de parar durante a viagem com a finalidade de pastar).

O preparo de uma viagem acontecia em clima de festa, pois havia muita gente envolvida para arrear a tropa, marcar os burros e colocar ferraduras nos mesmos, e outras tantas pessoas curiosas apenas assistindo. Havia um semblante preocupado do tropeiro, conjugado com a melancolia da esposa, pois o período de ausência estendia-se por meses e era costume saírem de viagem pai e filho. Os momentos que antecediam a viagem eram de muita ansiedade, porém os “camaradas” trabalhavam com alegria, quando já estava tudo pronto o tropeiro se despedia de sua esposa e todos ficavam engasgados pelos momentos que estavam por vir, pois toda viagem além de ser um trabalho muito exaustivo era sempre uma “caixa de surpresa”. Depois de tudo pronto para a viagem, lentamente, os burros iam pela rua, um silêncio pairava no ar quebrado apenas pelos cincerros que iam pendurados no peitoral do burro de guia. Para os adultos deveria ser muito triste aquele ruído, isso era demonstrado nos olhos rasos d’água. O tropeiro não olhava para trás, montado em seu cavalo, apenas tirava o chapéu da cabeça e acenava. Todos ficavam ali parados, olhando até a tropa virar a esquina, e assim prosseguia a rotina de uma família de tropeiro.

O tilintar, o brilho e o movimento do cinorro estão vivos em minha memória, pois para mim era uma “festa”, sentia orgulho do meu avô e adorava ficar dormindo na casa da minha avó, consigo lembrar do cheirinho dela até hoje.

Através da história oral consegui, em 2004 as seguintes informações: “entre os anos de 1835 e 1840, os irmãos Antônio da Silva Sena e Manuel Justino da Silva foram os pioneiros da indústria de arreios e selas, que implantaram e impulsionaram em Dores de Campos o ofício que tornou-se o meio de sobrevivência dos dorenses. Conta-se que foram à cidade de Barbacena e propuseram a um seleiro de nome Bibiano que lhes ensinasse seu ofício, mas não concordaram com as condições exigidas. Sendo assim, compraram do Sr. Bibiano, um selim¹ patente e um silhão² que, em casa desmancharam e por ele fizeram outros iguais. Aperfeiçoaram seu ofício à posteridade.

Existe também a versão oral de que um estrangeiro de passagem pelo município, transmitiu o ofício a moradores que aperfeiçoaram o produto. Dessa forma começaram a surgir vários barracões ou tendas, que eram galpões destinados a abrigar os trabalhadores que confeccionavam os artefatos de couro e armazenar os produtos”.

Porém em recente entrevista com o Sr. Antônio Guido da Silva, proprietário da Artecouro, renomada selaria de Dores de Campos, relatou-me que no final do século XIX, muitos trabalhadores dorenses iam a cavalo trabalhar na vizinha cidade de Prados confeccionando arreios. Dessa forma aprenderam o ofício e eram bons oficiais, assim depois de um tempo uniram-se fundaram um “barracão”(nome inicial das casa de couro). Geralmente, alugavam uma casa mais velha e trabalhavam ali, com o tempo começaram a construir barracões mesmo. E assim foram ensinando o ofício de seleiro aos dorenses.

A prática de comprar um arreio ou sela e desmanchar para conseguir moldes, acontece até hoje, mas depois que os dorenses deixaram de trabalhar nos barracões de Prados, não havia mão de obra necessária e foram extinguindo os barracões em Prados e multiplicando em Dores de Campos, que atualmente fabrica selas, arreios e acessórios com qualidade e acabamento, dignos de nota. E Prados possui apenas uma selaria com produção muito pequena.

¹-selim- pequena sela rasa.

As tropas foram importantes para ligar e unir áreas distintas e distantes do Brasil, gerando maior fluxo de comércio e desenvolvimento. A circulação dos artigos de subsistência e gêneros que poderiam facilitar a vida e o crescimento da economia, ocorreram, graças aos tropeiros e aos animais que formavam suas tropas. E para a economia de Dores de Campos foi indispensável o comércio de arreios e acessórios pelo Brasil, de forma que até hoje cerca de 50% da economia do município gira em torno das selarias que atingiram o número de 81 empresas de artefatos de couro.



FOTO DA SELARIA RAÍZES DO COURO



SELA FABRICADA NA SELARIA ARTECOURO DORENSE

² silhão – sela grande, com estribo apenas em um dos lados e um arção semicircular apropriado para senhoras cavalgarem de saia.



SELA PARA EQUOTEPERAPIA DA SELARIA IRMÃOS ANDRADE



FOTOS DA FESTA EM HOMENAGEM AO TROPEIRO NA CIDADE DE PRADOS,

Conforme estava agendado no projeto do TCC visita à “Festa do Tropeiro”, cumpri com o mesmo e consegui fotografar o evento e até algumas fotos de anos anteriores. Parece que são todas do mesmo ano, não há variedade nem uma cultura de acervo histórico. A única parte cultural é a comida do tropeiro que é feita em uma barraca e doada aos visitantes, eles servem a comida na mão da pessoa. Este ano estavam cobrando e servindo em pratinhos, a renda se reverteria para o asilo da cidade, já está acontecendo uma descaracterização. Fui de prancheta na mão e encontrei todos com um copo de cerveja e o animais que já haviam desfilado em tropa pela manhã, estavam descansando, “abandonados” não consegui informação significativa para o trabalho.

Em minhas pesquisas, o que descobri de interessante, foi o projeto “Mestres do Futuro”, acontecido em 2012, com cadastro no Ministério da Cultura, pela empresa Kavantan & Associados – Projetos e Eventos culturais Ltda da cidade de São Paulo, cujos objetivos gerais são: “a valorização da comunidade e da cultura popular local, formação artística, reconhecimento da arte da região, fomento ao turismo, desenvolvimento e valorização do conceito de sustentabilidade.. cujo projeto objetiva valorizar estes que são como guardiões da memória cultural brasileira e dar aos jovens a oportunidade de manter vivo um trabalho tão especial realizado por estas pessoas. Os mestres serão os guardiões da memória cultural brasileira e os aprendizes a possibilidade de manter viva essa memória”.

O mestre escolhido foi o seleiro Zezinho, o qual denominaram “Mestre Zezinho”, que relatou não ter tido condições de fazer um bom trabalho porque havia um número muito grande de alunos para atender e não ter infraestrutura nem material de acordo, dessa forma os alunos foram evadindo, e ao final apenas 1/3 conseguiu certificado.

Depois em entrevista com Paula Moreira, da Secretaria Municipal de Cultura do município, mencionou que um dos alunos conseguiu montar sua “selaria”, já está produzindo como autônomo. Acredito que projeto como esse tem que ser oferecido com frequência, para estimular os dorenses sobre a consciência de manter vivo o ofício de seleiro.

O “Projeto Mestres do Futuro”, ensinou o básico da sela para os alunos, o rebaixe não foi oferecido por causa do cronograma que tinham a cumprir. Quem sabe se

futuramente fossem ofertados cursos com melhor planejamento valorizando esse oficial tem importante para a cultura dorense? Entra aí a fundamentação sobre o registro no IPHAN do Ofício de Seleiro como patrimônio imaterial, que trará benefício para investimento na área beneficiando e valorizando os artesãos.

Nas visitas às selarias, tive a oportunidade de conversar diretamente com o proprietário e percebi que cada um tem dificuldades e diferenciais de comercializar seus produtos, com características bem específicas. Em algumas selarias minha visita foi virtual, tem sites bem interessantes, avançados. Conheci um site, que trabalho com “caixa negativado” (só com revenda, e ela acontece mediante pagamento com cartão de crédito).

Já no 8º período, por orientação da professora Luciana Beatriz Chagas, construí uma sela de argila, para que a partir dessa construção, surgissem novas concepções, dessa forma consegui finalizar a peça e ainda fiz uma escultura modular em círculo, com molde de peças para montagem de uma sela (imagens já registradas anteriormente).

ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS: SELARIA IRMÃOS ANDRADE, situada à rua José de Freitas, 452, bairro Freitas. Seus proprietários são os irmãos Clóvis Márcio de Andrade, Clodir Marcos de Andrade e José Boanerges de Andrade do Livramento. A empresa foi fundada em 1946, pelo pai ex-combatente e em dezembro de 1992 os irmãos assumiram a administração. O número de funcionários é grande, porém não informado, muitos são terceirizados. A comunicação com os clientes acontece através dos representantes e pelo site: www.selariaandrade.com.br a missão da empresa é comercializar selas e artigos de montaria em geral, propícios ao esporte, saúde e trabalho, buscando o conforto e satisfação de nossos clientes e valorizando a origem de nossa comunidade. Com o diferencial de buscar inovação, e segmentação em equoterapia(modalidade de fisioterapia em que se utiliza a equitação com intuito de melhorar a coordenação motora de certos deficientes físicos) , esporte, lazer, mirim, juvenil e adulto. Produzem em média 4.000 selas por mês, já exportaram para Espanha, Dinamarca, EUA e Itália, porém com a queda do dólar, as vendas no exterior caíram. Têm como clientes fidelizados os revendedores de Barretos, dessa forma não podem imprimir a logomarca da empresa, a fim de não prejudicar a revenda. Informaram que utilizavam armação de madeira para as selas, pois era mais duradouro, mas como as armações de fibra são usadas por todos, necessitaram aderir à ideia a fim de ganhar na produção e no valor da venda.

ARTECOURO DORENSE, situada à rua Francisco Lopes, 233, Centro. Seu proprietário é o Sr. Antônio Guido da Silva que iniciou no ramo em 1954, rebaixando arreios era estampador terceirizado, aprendeu com seu pai que trabalhava em uma selaria na cidade de Prados. Percebendo que havia padrão de qualidade na confecção dos arreios, fundou sua própria indústria em 1981, fabricando selas para equitação e arreios para o trabalho no campo. Em seu showroom, terceiriza artigos e acessório para montaria como baixeiros, rédeas, barrigueiras, assim como acontece nas outras selarias. Já exportou para Espanha, México e Bolívia. O avô(José Inácio da Silva) do Sr. Antônio Guido foi tropeiro, seu pai (também José Inácio) o ensinou o ofício de seleiro, que foi passado aos filhos do Sr. Antônio Guido, os quais dois, são proprietários da:

SELARIA CAVALO REI, situada na rodovia Dores de Campos/Barroso, seus proprietários são: Dalson José da Silva e Franklin Alvim da Silva, fundada em 2001, com 30 funcionários, tem vendedores em todo Brasil, clientes fidelizados e site

www.selariacavolorei.com.br. A missão da empresa é produzir selas de qualidade e padronizadas. Seus clientes, encomendam selas de acordo com suas necessidades e a Cavalos Rei, atende prontamente, deixando o cliente satisfeito. Havia carência de uma sela adequada para a raça de cavalo mangalarga, dessa forma criaram a sela quarto de milha adequada ao cavalo, desenvolveram também a sela australiana que ficou com apelido de sela coqueluche por ser a mais vendida.

SELARIA DO CARLOS, situada à rua Getúlio Vargas, 510, Centro, seu proprietário é Carlos Antônio Fonseca, tem 20 anos de fundação. Com 4 funcionários, e rebaixador terceirizado, seus clientes são fidelizados e seu diferencial é que sua matéria prima é couro de búfalo. O proprietário lamenta não ter placa nos trevos de Barroso e Prados, indicando que há selarias na cidade, pois acredita que as vendas cresceriam.

RAÍZES DO COURO, situada na rodovia Dores de Campos/Barroso, seu proprietário é Roberto Aliane Neto, sua empresa é recente (2004) não tem funcionários que fabricam selas, apenas revendem o trabalho dos seleiros de “fundo de quintal”.

MARLEX, situada à rua A, 39, bairro Freitas, seu proprietário é Alexandre Rodrigues Silva. A empresa foi fundada em 1993 e apresenta as mesmas características das demais.

SELARIA PAI E FILHO, situada à rua A, 38, bairro Freitas. Com 10 anos de fundação apresenta algumas características diferentes das demais, seus clientes foram clientes de seu pai, possui apenas 3 funcionários, e garante qualidade e o melhor preço da praça, pois ele confecciona as selas.

CONCLUSÃO Os cidadãos dorenses, necessitam entender o que é “Ofício de Seleiro”, esse patrimônio imaterial significativo para registro nas páginas históricas do nosso Brasil. Vivem uma rotina de trabalho árduo, dificuldade financeira, sendo fraudados por seleiros que não usam material adequado, e dessa forma a importância e valor desse patrimônio, passa despercebido e às vezes até desvalorizado, pois chegam a dizer, que os filhos vão “estudar na Faculdade” e não vão passar pela rotina “árdua” a que os pais estão subordinados. Precisam entender que o “Ofício de Seleiro” é raridade é uma pessoa saber o ofício e ensiná-lo, ter a consciência de se sentir um artesão, trabalhar em associação ou até mesmo em cooperativa, assim poderão crescer muito mais e ter uma certificação de qualidade para que terceiros não se aproveitem dessa falta de informação dos fabricantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALDAS, Waldenyr. *Cultura*. São Paulo; Global, 1986
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINKAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CHAVARRIA, Joaquim. *A Cerâmica*. Tradução: Rui Pires Cabral. Espanha: Parramón Ediciones, S.A., 1982
- FILHO, Francisco Raposo. *Memórias administrativas e fatos históricos de Dores de Campos*. Dores de Campos, 1988.
- FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. *História & ensino de História*. Belo Horizonte : Autêntica, 2003.
- LARA, Silvia Hunold. História, memória e museu. *Memória e Ação cultural – Revista do Arquivo Municipal*. Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. São Paulo, 1992.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral e Memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992.
- OSTROWER, Fayga, *Universo da Arte*. Rio de Janeiro: Campus, 1983
- _____ *Acasos e criação artística*. Rio de Janeiro:Elsevier, 1999
- PENNA, J. O. de Meira. *D. Juan e o bandeirante brasileiro*. Planeta especial (mimeo).
- PEREIRA, José Lopes. *Na terra da figueira encantada*. 3 ed. Juiz de Fora: Esdeva, 1967.
- PRAXEDES, José Vicente. *A saga dos tropeiros na terra da figueira encantada*. Vitória: Ita Gráfica, 2002.
- KRAUSS, Rosalind E.: Tradução de Júlio Fischer. *Caminhos da Escultura Moderna*. São Paulo : Martins Fontes, 2007
- SIMAN, Lana Mara de Castro. Os currículos e as novas fronteiras de História. In:*História: fronteiras*. XX Simpósio Nacional da ANPUH Florianópolis, julho/1999.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História oral*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira – Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992.
- TRINDADE, Jaelson Bitran. *Tropeiros*. São Paulo:Editorações e Comunicações Ltda, 1992. Patrocínio:Incepa – Industria Cerâmica Paraná S.A Lei 7.505/86. Fotografias de João Urban.

www.portaliphan.gov.br

www.espacoarte.com.br/artistas/522-jesus-rafael-soto

www.artnet.com/artists/chris-dorosz/biography-links

http://www.desempenho.esp.br/livro/get_capitulo.cfm?id=819

ANEXOS



DOBRO OU RÉDEA



CINCERRO



JACÁ



RETRANCA

SELA PRIMITIVA

